

MERCADO DE PULGAS

Edição inédita:

Com a cobertura do *recém-descoberto*
apartamento esquecido pelo tempo
em *Poços de Caldas-MG*

Conheça a
**Rolleiflex
Planar TRL**
Duplas lentes!!

IMPERDÍVEL: Porcelana Chinesa
de valor inestimável em perfeitas condições!



Item especial dessa edição

Relógio Rolex GMT-Master

com pulseira de couro.



Índice

Autores.....	03
Catálogo do Antiquário.....	04
Itens Encontrados.....	06
Apresentação do Apartamento.....	07
Documentação dos Itens do Apartamento.....	08
Cartas.....	10
Descrição dos Itens	11
Itens Encontrados	17
Apresentação do Apartamento	

Expediente:

Ana Vitória de Araújo
Eduardo Rocha
Felipe José Corrêa
João Vitor Falciorli
Luanna Alves Paiva
Luis Gongra
Samuel Malaquias Carvalho

RA: 791157
RA: 791300
RA: 801334
RA: 791302
RA: 793190
RA: 791099
RA: 791151

AUTORES

O antiquário Mercado de Pulgas é um negócio de família, há 43 anos administrado pela família Pereira. Em 1980, Antônio Pereira decidiu vender algumas velharias que tinha em sua casa, sem muita pretensões. Após um pequeno sucesso de vendas no bairro, os amigos de Antônio começaram a vender seus produtos antigos para ele e o antiquário teve início. Na época, Antônio organizava os negócios com a ajuda de seu filho Augusto, que tinha somente 9 anos.

Após o falecimento do pai, em 2011, Augusto assumiu os negócios e decidiu renomear o antiquário para "Mercado de Pulgas Antônio Pereira", em homenagem ao fundador. Na época, seu filho Marcelo havia acabado de completar 18 anos e se viu envolvido nas antiguidades tanto quanto seus familiares. Desde que nasceu, o garoto vivia brincando com os mais diferentes itens antigos do antiquário. Hoje, Augusto e Marcelo tocam o negócio da família juntos, indo atrás das antiguidades mais interessantes e desconhecidas do Brasil.



Augusto José Pereira - 53 Anos, pai de Marcelo e Laura, colecionador fanático de camisas de times de futebol, relógios e câmeras de filme 16mm. Ajudou o pai nos primeiros anos do Mercado de Pulgas e hoje é dono do negócio.

Marcelo dos Santos Pereira - 30 Anos, historiador formado pela FFLCH-USP, colecionador de álbuns de figurinhas, especialista em restauração de fitas e consoles de videogames antigos e torcedor fanático do Palmeiras. Praticamente nasceu dentro do Mercado de Pulgas (os pais moravam na loja na época de seu nascimento) e herdou a paixão do pai e do avô por antiguidades.



CATÁLOGO do



Jóias vitorianas R\$ 50.000 - A era vitoriana perdurou por mais de 60 anos, os acessórios mais utilizados pelos nobres na época foram as pulseiras, broches e medalhões. As jóias possuem caráter dramático e sentimental.

Outro leilão, dessa vez realizado em Teresópolis no ano de 2004, em virtude da morte de uma importante senhora. A mulher, sem filhos ou maridos, deixou os bens para parentes distantes. Os parentes logo se desfizeram de tudo, mas esses sabem bem o valor de jóias como aquelas, foi difícil conseguirmos arrematá-las por um valor justo.



Bastante reconhecida por suas duplas lentes, design compacto e duradouro e pela possibilidade de utilização de filmes de médio formato. Acompanha bolsa original de couro. As câmeras Rolleiflex são bastante reverenciadas por conta de fotógrafos que a tem como marca registrada, como Vivian Maier e Diane Arbus.

O exemplar ao lado foi adquirido em 2014, em uma visita à Casa do Cacareco, em Porto Alegre. À época, a câmera não estava funcional, mas visualmente se encontrava em perfeito estado, por esse motivo conseguimos um valor abaixo do mercado. Posteriormente, realizamos o reparo dessa relíquia do médio formato.

**Rolleiflex Planar TRL
- R\$ 3500**

ANTIQUÁRIO



Porcelana antigas - R\$ 20.000 Contamos com uma vasta coleção de porcelanas em nosso antiquário, com destaque para as chinesas da dinastia Ming (1368 - 1644), período de vasta produção de louças de coloração azul e branca.

Em 2007, em um leilão de bens em São Paulo, adquirimos um exemplar em perfeito estado de conservação, a louça conta com flores desenhadas delicadamente a partir de traços finos.



Cerâmicas Mouriscas, louças que combinavam características europeias e islâmicas. Dourado, azul e branco predominam nesse tipo de arte, além de elementos cotidianos desenhados em suas superfícies.

(VALOR INESTIMÁVEL - PEÇA RARA)



Escultura Charles Perron - (R\$ 10.000) - Escultor francês que viveu entre o século XIX E XX. Esculpia majoritariamente em bronze e ferro fundido.

Em 2007, a obra foi arrematada de um senhor que havia recém-falecido. A família logo após a missa de sétimo dia se aprontou a realizar o inventário do patriarca, desfazendo de seus bens por um valor reduzido.

Itens Encontrados Anteriormente

**Partes inéditas
do negativo de
Metrópolis (1927),
Fritz Lang.**
Vendido



Vendido

**Revista
japonesa
Provoke
(Rara)**

Apresentação do Apartamento

Há algumas semanas recebemos uma ligação de João de Alcântara, um homem da alta sociedade de Poços de Caldas. João contou sobre um apartamento que seu avô Eustácio deixou como herança para seu pai e que agora chegou em suas mãos. De acordo com ele, a propriedade estaria cheia de produtos e itens antigos dos anos 1950, quase perfeitamente preservados. Após a morte de sua esposa, Eustácio nunca mais retornou ao antigo apartamento, manteve tudo como estava lá dentro.

No dia 05 de julho fomos pela primeira vez ao local, junto de João. Ele nos deixou com a chave e foi resolver outras pendências, o que nos deu boas horas para explorar o apartamento. Entrando pela porta, o cheiro era de rosas. Não parecia nem um pouco com um apartamento antigo e desgastado, na verdade parecia muito novo. Era como se tivéssemos viajado no tempo e parado nos anos 1950. Os móveis perfeitamente posicionados, flores e plantas vivas e bem regadas em cima das prateleiras, tomadas com entradas antigas e funcionais, equipamentos eletrônicos ligados (TV, toca discos) - tudo, tudo mesmo, como se fosse novo. O trabalho de cuidado da família Alcântara foi incrível.

Nessa primeira visita, quisemos apenas catalogar os itens. Meu pai ficou de olho nas mobílias e eletrodomésticos e eu nas coisas mais eletrônicas. A princípio, decidimos não tocar em nada, apenas observar e anotar, pois tínhamos medo de quebrar algo que poderia estar frágil, apesar de tudo parecer novo.

Um dos quartos da casa foi o ambiente que mais chamou atenção, pois parecia pertencer a falecida esposa de Eustácio, Margarida. Tinha um piano enorme no centro, uma mesa com máquinas de costura e um armário cheio de tecidos. Ela era conhecida por ser uma grande pianista e costureira de Poços de Caldas. O quarto estava totalmente preservado, assim como os outros, mas havia um forte cheiro de enxofre, que não conseguimos identificar a origem.

Enfim, estamos muito empolgados com as possibilidades que esse apartamento pode nos proporcionar, tanto de investigação histórica como itens para venda no nosso antiquário. Durante os próximos textos desta edição, comentaremos mais o que encontramos no local.



Documentação dos



As louças e as pratarias se destacavam na grande cristaleira de vidro e madeira que estava no pequeno corredor que dava acesso à sala, mas ali do lado, brilhando mais que a porcelana dos pratos há uma singela caixa de metal. Ao abri-la percebi que eu não era o único observador, dentro da caixa, uma objetiva e uma câmera também observava meu rosto, uma SLR Ilhagee Exakta Varex, longe da umidade seu valor estava preservado, deixando intacto seu estado e sua capacidade de eternizar o tempo em celuloide. Com cuidado, antes de abrir a câmera, rebobinei o filme que ali dentro havia, ali estavam as histórias das pessoas que aqui habitaram e que por anos estavam presas nesta caixa

Em uma das portas presentes no corredor está um cômodo que pertencia a esposa. Noto que o cômodo assemelha-se a uma ode à artista, diversos são os elementos que remetem a música, ou então as atividades desenvolvidas por ela. Inclusive, parece ser o único cômodo do apartamento a conter rastros de sua existência. Rastros esses que se tornam encobertos pelo terrível cheiro que se alastra no andar.

O primeiro item a chamar minha atenção é uma vitrola: não há som de melhor qualidade do que aquele reproduzido por vinis. Essa assemelha-se a uma estante, possui dois compartimentos para guardar os diversos discos encontrados, além de outros objetos. Pertencente aos anos 1940, do modelo Webster Chicago, sua aparência em madeira imbuia é simples, mas versátil. O móvel vem com uma vitrola e um rádio embutidos, todos os dois em perfeito estado de conservação. Há um disco de vinil já posicionado no aparelho, não há acúmulo de pó sobre ele e ao ser colocado para funcionar demora a emitir algum ruído. Algum tempo depois, entretanto, ouvimos o som cru de uma voz feminina; não há instrumentos ou outros acompanhamentos sonoros. Claramente um disco amador; o conteúdo leva-me a crença de que Margarida não obteve sucesso em um de seus hobbies.

Ao abrir o primeiro compartimento da eletrola, alguns vinis são encontrados, como: Hagel Scott, grande cantora e pianista, destaque no cenário do jazz durante a década de 1950; outro grande pianista George Feyer; um grande guitarrista no cenário também do jazz Les Paul and His Trio, uma verdadeira obra prima. Não possuem grande valor no mercado, sendo valorizados apenas pelo estado de conservação quase intacto.

Ao fundo do segundo compartimento, é possível enxergar alguns envelopes empilhados e amarrados por um pequeno tecido. Ao manusear os papéis com cuidado para não desfigurá-los, percebo que se tratam de cartas direcionadas a Margarida. O remetente de todos os envelopes possuem o mesmo nome: Aurora, embaixo dessas cartas um envelope amassado com uma carta para a Aurora que não foi enviada. Nenhum continha algum objeto a ser avaliado, mas alguns possuíam o conteúdo um pouco borrado, como se molhados. Por trechos soltos aos quais passei os olhos, Aurora parece uma amiga próxima da esposa de Eustácio, assim como parece infestar os papéis de elogios desmoderados e predições falaciosas sobre o futuro de Margarida.



itens do apartamento



Enquanto meu pai dá uma olhada na sala de Margarida, fico responsável pelo pequeno quarto em frente, com menor quantidade de móveis e decorações: possuía uma cama de casal, armários pequenos em ambos lados enfeitados com duas luminárias e livros, e cortinas de renda forrada que seguiam fechadas. Na gaveta do móvel ao lado da cama, encontrei alguns pertences como óculos, um ~~relógio~~ e fichas de Cassinos; e não apenas uma, o fundo da gaveta estava quase todo encoberto por essas moedas de jogo douradas que, se não me engano, eram de cassinos da década de 50 aqui de Minas. Dá para notar que Eustácio era quem passava mais tempo nesse quarto, já que a maioria dos pertences são masculinos. Será que a personalidade dele era tão rala quanto a desse cômodo? O apreço por jogos de azar é o único rastro de seu caráter.



Ao retirar os itens de dentro da mesa de cabeceira de Eustácio, fico impressionado com o ~~relógio~~ de pulso que ali se escondia. Um Rolex dos anos 1955, chamado de GMT- Master. No lançamento, era usado para auxiliar em diferentes navegações como as feitas por companhias aéreas. Contendo uma pulseira em couro legítimo com um mostrador em prata em perfeito estado. Um item extremamente raro de grande valor no mercado. Os seus ponteiros parecem não funcionar, mesmo assim, ao aproximar meu ouvido da máquina é possível captar um suave ruído; o mecanismo parece não ter sofrido os danos os quais os indicadores das horas passaram.

Meu pai deve ter notado o que tenho em mãos porque o que ouço agora são passos apressados indo ao quarto; esse é o tipo de item que ele gosta de ter em sua coleção pessoal. Apesar de não concordar, não é como se ele ouvisse o filho sobre as melhores formas de administrar o antiquário.

Margarida, meu bem

Envio esta carta na esperança de que nossa próxima noite no estúdio não esteja tão longe quanto imagino.

De todas as vozes que já ouvi aqui, nunca uma prendeu tanto minha atenção quanto a sua. Mal sabia eu a quanto tempo esperava por horas como aquelas, onde éramos só nós duas e os microfones, acalentadas pelo calor das cortinas cor de carmesim. Devo dizer, elas não têm o mesmo brilho sem você aqui. Talvez eu esteja sendo precipitada ao escrever a você de maneira tão íntima, mas custo a acreditar que este sentimento não a aflija também.

Entendo que sua situação se encontra delicada, mas acredite no que digo: seu futuro clama pela música, clama pelo que ainda está por vir. Por todo palco que passo me persegue sua imagem, vestida de noite e abençoando qualquer um que possa ouvir nem que seja um segundo de sua voz. Se dependesse apenas de mim, te roubaria e a tornaria minha musa. Te entregaria aos palcos do mundo e neles a aplaudiria, desde que pudesse a aplaudir também no conforto de meu quarto. No entanto, cesso aqui meus devaneios.

Confesso que pensei muito mais vezes do que gostaria em enviar ou não esta carta, pois me persegue o medo de que seu marido a encontre antes de você. Eustácio, não é? Sei que não só coragem é suficiente para que escape dessa situação, mas suplico para que não desista. Agente só mais um pouco, aja como sempre fez. Ando conversando com companheiros de longa data, pensando em uma forma de te arrancar desse mundo que não lhe pertence. Peço apenas para que mantenha-se firme e que continue a me responder. Aguardo e anseio sua próxima carta, assim como todas as anteriores.



Penso em ti,
Aurora

Cara Aurora

Eu gostaria de desculpar-me, falho como amiga e confidente quando deixo de escrever-te por tanto tempo. Pudesse eu ao menos lançar-me para fora dos braços de meu marido e permitir-me sentir novamente sua presença. Oh, aquelas gravações no estúdio, o seu olhar enquanto eu cantava alegre-me na memória, depois de ouvir o teu próprio cânto e saciar-me de sua figura, de seu magnetismo, quando meus sentidos se incendiam eu até posso sentir êle com sua mão pesada apertando minha nuca. O algoz lança sua sina, escreve em minha carne a penitência, com êle meus sentidos não encontram a luz e as flâmulas da minha paixão apagam-se.

Jogo para o lado meus lençóis, o sol já estava alto, vou ao parapeito da janela, não tinha nenhuma vontade de me alimentar. Sozinha nesta casa tenho como visão a monotonia da rua, volto a olhar para dentro do meu quarto: a desordem e o rastro de Alberto, terei que aguentar suas palavras por não ter levantado cedo e preparado o café. Oh! Será que ele não percebe que minha falta de ânimo deriva-se de atitudes que resumem-se em tirar a lenha do fogo e jogar água na chama?

Aurora, portanto, deixe que seu corpo seja consumido pela chama, faça como eu e tente abrir os portões pesados do paraíso, são pesados, mas com cada ranger êle se movimenta. Só com o movimento que torna-se possível deixar o vento passar, êle dói e é gelado, portanto o sinta. Encha o copo e deixe que o vinho saia pelos seus poros, só assim é que cultuo minha loucura, o meu arrepio, o assédio impertinente de meus pecados.

De sua querida
Margarida

No armário de Eustácio, em uma caixa grande, há uma cópia física do filme Depois do Vendaval (1952), de John Ford, grande clássico do cinema hollywoodiano: uma raridade, uma película colorida de tamanho 35mm. Acima disso, é algo inusitado, porque provavelmente Eustácio não teria onde exibir o longa-metragem. Particularmente suponho que ele tenha ganhado esse item por meio de alguma aposta. A obra de Ford acompanha o personagem de John Wayne, um americano que se muda para uma vila tradicional irlandesa e que precisa se adaptar aos costumes locais. É uma ode à disciplina, à ordem e ao amor entre o homem e a mulher. O filme foi colorizado pelo processo de technicolor, que dava cores mais saturadas e artificiais às imagens da obra. Me lembro de ter visto nos cinemas com meu falecido pai, quando ainda era criança. O visual era lindo e divino, como se Deus tivesse feito aquelas imagens. Tenho muitas saudades de ir ao cinema com ele. Aprendi muito naquela época e me inspirei no grande ator John Wayne, um ídolo da minha infância.

O TIC TAC do relógio que encontramos, junto a esse filme, me faz sentir o peso do tempo nas minhas costas. Sinto que não tenho mais tempo, tudo está se acabando. As tradições que tanto fiz parte e ajudei a construir estão se perdendo, sinto tanta nostalgia. Que saudade do meu pai e dos filmes de verdade. John Ford, Frank Capra, Cecil B. DeMille, Elia Kazan. **ONDE FORAM PARAR OS GRANDES DIRETORES? OS GRANDES FILMES SE PERDERAM! OS AMORES DE VERDADE, A FAMÍLIA, A ORDEM DOS HOMENS!** Outro dia estava passando Como Era Verde Meu Vale (1941), também de John Ford, no Telecine CULT. A saudade do meu pai só cresceu, saudade dos tempos mais simples. No regime militar, a gente ia no mercado com quase nada de dinheiro e saía com dois carrinhos cheios de coisa. Isso não volta mais. Era tão mais simples. Vou atrás de um restaurador e tentar projetar Depois do Vendaval no nosso projetor em 35mm.



Encontramos um quadro antigo. Não consegui identificar o ano de pintura, nem o artista que pintou, mas ele parece bem recente. O que deve ser impossível, já que o apartamento está fechado há mais de 50 anos. Na pintura, vemos uma mulher vestida de verde, sentada em uma cadeira e colocada na frente de cortinas vermelhas. O cabelo dela é curto e moreno e ela usa brincos dourados redondos. Seus olhos são verdes, como o vestido, e ela usa um relógio no pulso direito. Me lembra o relógio que encontramos, mas deve ser uma coincidência por serem da mesma época. Pela aparência da pintura, ela devia ter uns 40 anos quando posou. Suas características lembram muito as de Margarida, falecida esposa de Eustácio - deve ser um retrato dela. Se não me engano, ela faleceu aos 40, o que nos indica que a pintura tenha sido feita não muito tempo antes de sua morte, o que talvez explique a boa preservação do item. Deve ser um dos objetos mais importantes de todo o apartamento, imagino que Eustácio tenha cuidado bem ao longo dos anos.



Meu pai andava triste pelo apartamento, mas a pintura reviveu o ânimo nele. Ele diz que é um quadro clássico e que nós mostraremos ao mundo a beleza dele, será lembrado por anos. Não sei se concordo, mas a beleza da pintura é realmente impressionante. O velho está trabalhando com um restaurador para recuperar a obra e poder expor ela em algum museu.

Tic tac, o relógio está vivo. Santos Dummont o popularizou, na primeira guerra essa maravilha que agora repousa nas minhas mãos foi criada e 100 anos depois continua marcando o tempo em períodos. Viu os mais pesados horrores; meu filho que o descreveu com tanta precisão não percebeu a maravilha desse tic-tac, no meu pulso ele toma a forma, minha imaginação se aflora aos poucos com essa maravilha no braço. Adentro as *profundezas* desse recinto como se o ar em meus pulmões tivessem surgido das fichas dos jogos, como se eu pudesse sentir o hálito quente de Margarida, se de um *grito de ajuda* eu pudesse estender a mão para salvá-la; ao mesmo tempo que das fichas e das bebidas materializam toda a autocracia dessa casa, e pudesse eu beber desses líquidos e controlar cada canto, cada centímetro... E a posse dos vivos, dos *mortos* e dos inanimados fosse de quem ousasse dar corda no relógio, colocar no seu braço e ouvir dos pulsos periódicos a fragilidade do tempo.

TIC TAC, o relógio está vivo. O hálito de margarida provém de ritmos acelerados, ofegantes, ansiosos demais que não respeitam o passar, impaciente, indecente! Não ousem desafiar o tempo e seus princípios, o pulso é a ordem, é regular, martelaremos com a mesma impaciência quem não consegue parar e apreciar a beleza. Do caos aqui nada surge, esses jovens desarrumam a casa sendo que, desde que o mundo é mundo, seus padrões milimétricos foi-se funcional. Aqui o respeito, a infinitude, do lado de fora dessas janelas estão o trânsito *barulhento, a loucura e o caos*. Será eu o único que está são? No passado, nessa casa até mesmo a histeria foi controlada, no poder do pulso.

TIC TAC TIC TAC. Esses barulhos *adentram minha mente*, que outra *alma* nesse mundo poderia recuperar as formas, o bem estar e o belo senão *esse que vos escreve*? Mas como tudo que pisou nesse assoalho, que sentiu esse ar, não precipitarei: *a passos lentos e rítmicos* vou içar a bandeira, levantar no mastro os verdadeiros valores, *controlarei a respiração de Margarida*; mas dessa vez não é necessário apenas o respeito do ritmo... *Ladrões, será isso que somos?* Violamos essa casa, somos *violadores, ladrões da pior espécie, somos nós que devemos ser amarrados aos mastros, trouxemos o pecado e vilipendiamos essa casa que o tempo preservou*. Trarei a justiça, trarei a ordem, *a corda deve bater nas minhas próprias costas a cada 10 segundos, escorrerá sangue pelo meu corpo*, a casa sentirá prazer e quem deve ferir esse corpo idoso enlhecido pelos períodos *sou eu mesmo, o dono do relógio, aquele que já fez isso antes*.

TIC TAC TIC TAC TIC TAC Coloco o disco para tocar, na vitrola a cordas, *setenta e oito rotações por minutos, em dez segundos treze voltas completas*, ouço a voz de Margarida ecoando pelo auto falante, há uma tristeza em seu âmago, por um instante ela sai do tom, se fosse para gravar que fosse uma versão perfeita! É uma completa falta de compromisso estético, não é obra que a beleza está se perdendo. Coloco uma pequena fita na borda do disco, cada vez que a fita completa treze voltas a corda atinge minhas próprias costas, essa é a dor que existe ao ouvir, essa voz horrível a mesma dor que há ao escrever esse texto péssimo, sem ordem e sem beleza.





Gostaram do momento lúdico do meu pai?

Caso vocês não ainda não conheçam, em outras edições de n ossas revistas há contos, crônicas e poemas, todos feitos pela mente genial de Augusto Pereira. Ontem mesmo, estava acompanhando o processo dele de escrita, que estava sempre a me perguntar, saber minha opinião sobre qualquer detalhe que ele quisesse acrescentar. Quem diria que um relógio nos pulsos daria a ele os mais nobres pensamentos, a mais profunda compreensão da realidade. Nenhum outro texto que li na minha vida encontrei esses propósitos, que beleza há nesse espaço, que sorte tivemos em poder estar aqui e admirar os mais lindos objetos.

Através de seu texto pude eu abandonar meus vícios, olhei para esses belos quadros na parede e desfiz de minha coleção de figurinhas, com um texto aprendi o significado de beleza e de ordem. Temos a profissão mais nobre do mundo, podemos olhar diretamente para os objetos do passado e encontrar os pilares da cultura ocidental e, assim, preservar tudo isso para que não desmorone.

Hoje mesmo, peguei algumas fotos que não conseguiam representar bem essa casa e as rasguei, armei um cavalete e com as passadas demoradas do pincel na tela é que conseguirei transmitir o espírito e alma desse ambiente. Isto com toda certeza é a prova de um talento de escrita, senão podemos ensinar aos mortos como cantar, um texto pode fazer um jovem a pintar. Muito obrigado, pai!

Que todas as almas desse mundo vejam no belo os nossos princípios.

Eu não sei mais. Não sei quanto tempo faz. As paredes não parecem as mesmas, o cheiro sempre foi tão ruim assim? Eu juro, juro que essa porra de apartamento só tinha uns três ou quatro cômodos, porque caralhos eu não consigo mais achar a saída? É uma porta grande e de mogno, grande e de mogno, GRANDE E DE MOGNO. Eu cresci no meio dessas velharias, sei identificar o tipo de madeira só pelo toque e com certeza sei que uma porta desse tamanho não simplesmente some de uma hora pra outra. Apesar de que nem sei até que ponto posso confiar na minha própria visão, tá um breu do caralho. Tô usando a lanterna do do celular, mas até quando a bateria disso dura? Já não tá aguentando iluminar nem cinco palmos à minha frente... Preciso achar o pai logo e dar um jeito de sair daqui, não tem mais nada nesse lugar que nos segure... Pelo menos eu acho.

Tá bom, agora é sério: esse com certeza não é o mesmo apartamento que compramos. Os móveis que antes pareciam estupidamente conservados agora estão se desfazendo por completo - tentei me apoiar em uma bancada no meio desse breu e ela se desfez pro chão. O cheiro de mofo e podridão impregnou o meu nariz e arde as minhas narinas, e já que as benditas janelas também resolveram sumir de vista eu não tenho o que fazer além de engolir seco e suportar. E outra coisa... Talvez eu já esteja exagerando, mas de uma hora pra outra parece que um furacão passou por essa casa. As coisas mudaram de lugar, tão jogadas pelo chão como se tivesse rolado uma briga pesada ou algo assim. Acho que agora tô começando a entender o que aquela mulher queria dizer nas cartas, mas se essa merda de apartamento tiver tentando me elucidar sobre a relação que esse casal tinha eu JÁ ENTENDI, já deu. Mais algumas horas e eu começo a chutar essas paredes até alguma ceder.

Não deu certo. Consegui só uma dor do CARALHO na canela. Cansei dessa merda, tô só sentado num canto esperando o tempo passar porque até a porra do celular morreu. Sobre o pai? Eu continuo gritando mas não recebo resposta alguma. Tô preocupado, querendo ou não o homem já tá velho... Talvez tenha apagado por conta do cheiro, não sei. Jurei ter ouvido uns cochichos há uns minutos, mas chamei por eles e nada, logo desapareceram de novo. Criei coragem e andei até onde eles teoricamente vieram, mas não achei nada além de umas fotos rasgadas no chão. Tentei ligar pro exterior quando o celular ainda tinha bateria, mas o sinal é nulo dentro desse lugar, é como se algo não quisesse que fôssemos embora. Tô com fome, fedendo e enjoado, preciso tentar procurar outra vez, isso já tá no limite... E talvez seu Astolfo também esteja correndo perigo. Ele parecia estranho nas últimas horas antes disso tudo virar de cabeça pra baixo... Acho que o sexto sentido do velho deve ter apitado, ele não é bobo pra essas coisas. Vou levantar, preciso tentar mais uma vez.

Meus olhos se acostumaram com a escuridão, mas eu preferia que não tivessem. Eu encontrei meu pai.

Ele estava em pé, virado em direção a uma parede, estático. Tentei chamá-lo, perguntei se estava tudo bem, mas não recebi resposta. Quando tentei me aproximar, ele virou bruscamente a cabeça em minha direção - aquele olhar tremeu meus ossos do pé a cabeça. Seus olhos estavam completamente abertos, o que me fez descartar a ideia de que ele talvez estivesse desacordado antes. Ele com certeza está acordado, **muito** bem acordado. Confesso que existo um pouco, mas tentei chamá-lo mais uma vez. Dessa vez ele me respondeu. Disse que eu cheguei na hora certa, que estava feliz em me ver. Disse que o badalar estava próximo. Ali eu tive certeza. Não sei o que aconteceu nesse tempo em que nos perdemos, mas papai não estava nada, **nada** bem. Parecia que ele não estava respondendo por si mesmo, eu não sei, não sei dizer. Na hora eu também não sabia, então fiquei em silêncio. Logo depois da sua fala, ouvimos. Badalados vindo por **todos** os lados, eu juro, era como se todos os relógios velhos e enferrujados tivessem recobrado sua estrutura apenas para bater mais uma vez. Eram tantos que eu tenho certeza de que os cômodos dessa casa no mínimo duplicaram, não é possível. Infelizmente, não tive tempo para pensar muito sobre isso. Meu deus, eu não tive.

Logo após os badalados, meu pai voltou seu rosto para a parede, e aí eu reparei. nos cantos dela haviam marcas, enquanto no meio não havia nada. Era como se ela tivesse se deteriorado por anos mas o centro ainda permaneceu intacto. Antes que eu criasse coragem para perguntar, meu pai ergueu a mão direita e a levou à parede, empurrando-a até que ela se deslizesse para o outro lado e caísse por inteiro no chão. Foi aí que me bateu. Esse cheiro, que tem me perseguido durante todo esse tempo, não era só de velharia. Essa podridão tinha que estar vindo de algum lugar e acho que finalmente encontrei. Logo que a parede caiu, eu vi. Um cadáver, pendurado há uma corda no teto em apenas um dos braços, porque o outro já tinha descolado do corpo pela decomposição. Usava um vestido que parecia ser de noiva, mas que de branco não tinha mais nada, ensopado por fluidos e restos. Eu instantaneamente virei pro lado e vomitei o pouco que restava no meu estômago vazio, completamente atordoado. Meu deus, **meu deus** . Aquela mulher **morreu** nessa casa, ela foi **torturada e morta** entre essas paredes. Não sei mais o que fazer, não sei ao que recorrer. Meu pai está louco, ele ficou completamente **maluco** . Assim que a parede caiu e aquela coisa apareceu ele se ajoelhou no chão e começou a chorar, me dizendo o quão injusta é a vida, o quanto aquela mulher não merecia morrer. Disse que a culpa é dele, que ele não merece viver - que nós não merecemos viver em um mundo em que aquela voz tão linda perdeu sua chance de ser ouvida. E aí... eu não sei como não tinha reparado... o tempo todo ele ainda tinha o caviê que sempre carrega por aí no bolso... ele o tirou, abriu a lâmina e... abriu um corte no próprio antebraço... **é tanto sangue... meu deus é tanto sangue...** pai... eu corri.

Para qualquer um que leia isso, eu corri. Eu não posso salvá-lo, ele não é mais o pai que eu conhecia. Ele... esse apartamento o mudou, transformou sua mente em algo que não consigo entender. E os relógios... meu deus por todo lado estão esses malditos relógios, nas paredes, nas cômodas, no... meu pai. O relógio. Por que ele quis tanto esse relógio? Por que tanta fissura nisso? Ele já tem tantos... esse relógio... essa porra de relógio! E isso, ele é o culpado, foi ele que começou tudo, eu não vou deixar barato, não vou, não posso, eu sei que meu pai ainda está lá dentro, vou rasgar o braço dele se for preciso, eu-

Espera, ele me achou. é a chance perfeita! a quem tiver lendo isso, saiba que eu não fui um covarde no fim, ok? **Não fui, um covarde eu não fui! Pai, eu vou te salvar, eu vou-**